

Se alguém vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema.

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

A REFORMA

Não creaes a todo o espirito, mas provaes se os espiritos são de Deus; porque já muitos falsos prophetas têm vindo ao mundo.

1.º S. João IV, 1.

Prégai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15

FOLHA EVANGELICA

III ANNO

PORTO, 17 DE JUNHO DE 1880

NUMERO 22

A MALEDICENCIA (*)

Irmãos, não falleis mal uns dos outros.

(S. Thiago, IV, 11.)

O maior cancro que corróe o corpo social é sem duvida a maledicencia. Filha primogenita de Satanaz, ella é poderosa como seu progenitor; e com a astucia que lhe é peculiar, consegue penetrar em toda a parte e conviver com a familia humana em toda a sua extensão.

Nas cinco partes do mundo, desde as maiores cidades até á menor das aldeias, desde o palacio do potentado até á choupana do pobrezinho, não ha uma só habitação que não tenha sido visitada por esse monstro infernal, nem um só character, por nobre que seja, que não tenha sido sua victima.

E' horrivel dizel-o, mas até o proprio Deus tem servido de alvo á lingua maldizente!

Por isso é que S. Thiago, de harmonia com toda a Escripura Sagrada, condemna tanto a maledicencia. Não ha paixão mais baixa que ella, nem vicio mais vil e desprezível; e contudo nada ha que se harmonise melhor com a natureza corrompida do homem.

São innumeraveis as pessoas, de um e outro sexo, incapazes de perpetrar um assassinio, um ferimento, um furto, de injuriar em sua presença o mais insignificante individuo, de faltar ás ordinarias conveniencias sociaes; mas são rarissimas aquellas, que se abstem da maledicencia, que a não commettem com prazer, e a não escutam com interesse.

Creaturas existem até, de uma vida quasi exemplar, cheias de piedade e devotadas á religião, que empregam grande parte do seu tempo em praticas sinceramente religiosas, e que, entretanto, ou por uma emperrada negligencia, ou por um falso zelo do bem, não se corrigem do abominavel costume de maldizer, esquecidas de que as sagradas lettras chamam

—vã— a religião de todo aquelle que não refrê a sua lingua. (1)

Se nos fosse dado saber de muitos christãos verdadeiros, que tem vivido n'este mundo, qual o peccado que mais lhes custou a vencer, talvez que nos dissessem ter sido o da maledicencia. E, não obstante, não ha cousa contra a qual a palavra de Deus se pronuncie mais repetidas vezes e mais energicamente.

As Santas Escripuras denunciam os maldizentes como «abominação dos homens.» (2) Ellas comparam a lingua do que detrahe occultamente á serpente que morde sem estrepito. (3) S. Thiago a denomina «um fogo, um mundo de iniquidade.» (4)

N'outro lugar encontramos estes conselhos salutaes: —«Remove de ti a bocca maligna, e estejam longe de ti os labios que detrahem.» (5) «Não te mistures com os detractores.» (6)

A maledicencia deve ser condemnada por todos. Ella é o maior escolho da caridade e o maior inimigo da harmonia e da paz.

Companheira implacavel da confusão e da desordem, ella semeia a discórdia entre as familias, rompe as amizades, separa o marido da mulher, faz levantar-se o irmão contra o irmão e o filho contra seu pae, arma os povos contra os seus semelhantes, e suscita a guerra, a morte e a desolação: de sorte que em toda a parte onde entra, ou por onde passa, não deixa senão ruinas!

Qual é o conceito, ou o credito mais firmemente estabelecido, que a maledicencia não tenha ousado pôr em duvida? Quem é que poderá jactar-se de não ter sido victima de seus dardos inflammados?

O homem vigilante e corajoso póde subtrahir-se facilmente ao punhal do assassino, póde defender-se peito a peito de qualquer acommettimento inimigo: mas contra os tiros da maledicencia não valem nem a vigilancia, nem a coragem, nem a força, nem as mais cautelosas providencias.

(1) S. Thiago, I, 26.

(2) Prov. XXIV, 9.

(3) Eccles. X, 11.

(4) S. Thiago, III, 6.

(5) Prov. IV, 24.

(6) Prov. XXIV, 21.

(*) Intercalamos n'este escripto alguns trechos do snr. conselheiro Bastos sobre o mesmo assumpto.

Na linguagem de S. Thiago, assim «como um pouco de fogo abraza um grande bosque,» assim a lingua do detractor contamina e arrasa tudo, «inflammada do fogo do inferno.»

Não ha nada que cause maior damno que o fél deramado por uma bocca maligna; eis porque a palavra de Deus, não obstante ser contra toda a sorte de peccados, especialisa muito particularmente os maldizentes, assegurando que não hão de possuir o reino de Deus.

É, pois, de summa importancia, presados leitores, que a vossa attenção seja attrahida para esta grave materia, visto que estaes no mundo e necessitades de muita vigilancia.

Não vos deixeis enganar pela pratica usual d'aquelles que maldizem constantemente dos seus semelhantes, e buscam ainda apoiar o seu proceder em sophismas que lhes suggerem «os espiritos espalhados por esses ares.» Se vos disserem que não é peccado fallar mal dos que não tem procedido bem, não acrediteis; a Escriptura Sagrada nenhuma distincção faz sobre isto: ella prohibe absolutamente toda e qualquer detracção, seja ou não bem fundada.

Supponhamos que qualquer pessoa tem procedido mal, e tem, com o seu mau procedimento, escandalizado o publico, ou simplesmente um só individuo. Que aproveita ao maldizente soltar aos quatro ventos cardeaes as suas vociferações contra tal pessoa, se com isso nada pôde melhorar, se nada pôde corrigir?

Não nos illudamos: o que se diz em detrimento de alguém e em sua ausencia, nunca produz bom resultado; pelo contrario, só serve para tornar mais pertinaz essa pessoa, quando ella vem a saber que se occupam de sua vida: então é que se torna peor, procurando vingar-se acintemente do seu detractor.

E qual é o ente que, vivendo n'este mundo, está isento de defeitos, ou que procede sempre bem? Quantas vezes não nos envergonhamos de muitas acções indignas que temos praticado em nossa vida!

Quereríamos, porventura, que o nosso mau proceder servisse em nossa ausencia de assumpto de conversa, ou que a nossa fraqueza, que tanto procuramos encobrir, fosse levada ao dominio do publico?

Se tal não desejamos que se nos faça, que direito temos nós de fazel-o aos outros? O que é que Jesus nos diz?—«Tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o tambem vós a elles; porque esta é a lei e os Prophetas.» (S. Math. VII, 12.)

(Imprensa Evangelica.)

(Continua.)

Sociedade Central de Evangelisação em França

De uma carta de Paris com data de 3 de março do corrente anno, extrahimos o seguinte:

Quando consideramos a presente condição religiosa de França, recordamos a palavra do Senhor que se acha no cap. LXIII v. 4 de Isaias: «e o anno dos meus redimidos é chegado.»

Deus dá-nos este facto manifesto em primeiro lugar, emancipando-nos de toda a legislação restrictiva. No mez de janeiro, tres leis fôram preparadas e votadas pelas camaras e approvadas no senado. Estas leis pôdem ser chamadas a base de nossa liberdade religiosa.

Primeira. Para manter-se no futuro reunião ou conferencia, n'uma localidade, será sufficiente uma declaração, em vez de uma auctorisação, que é exigida pela lei actual.

Segunda. A mesma modificação é applicavel a todas as reuniões regulares religiosas.

Terceira. O artigo de concordata que põe nas mãos do padre o poder de benzer os cemiterios é abrogado e annullado. Isto ainda é mais importante, porque os padres até agora teem benzido os cemiterios e obrigado os protestantes a serem enterrados nos logares separados para os criminosos fusilados e suicidas.

Ninguem pôde dizer quanta miseria e humiliação isto trazia ao povo protestante!

Deus mostra-nos que este anno nos é um tempo aceitavel, inclinando o coração de muitos, e entre estes muitos de influencia, a acceitarem o Evangelho de Christo.

Ha pouco tempo morreu *Julio Favre* que nasceu em Savoy (catholico.) Elle consagrou os ultimos annos de sua vida á meditação religiosa e ao estudo. Frequentava sempre as egrejas reformadas de Paris e Versailles. Casou-se com uma mulher piedosa e protestante; antes de morrer declarou-se membro da Igreja Reformada de Versailles, e que ninguem a não ser o seu pastor, devia fallar na occasião do seu enterro.

Assistiram ao sermão que teve logar na Igreja protestante de Versailles, os membros do gabinete, senadores, deputados e membros do Instituto. Ahi ouviram uma declaração fiel das doutrinas do Evangelho, e Mr. Ferry e outros membros do gabinete, ficaram tão profundamente commovidos, que não poderam deixar de verter lagrimas.

A assistencia a este acto produziu uma profunda impressão.

Por todo o paiz o espirito do povo ficou perturbado com este acontecimento, ao passo que mereceu a approvação de muitos.

A este importante facto ajuntaremos a declaração significativa do presidente de um dos tribunaes em Paris; fallando a um membro da nossa commissão, o general de Chabandela Cour, disse:

«Sois feliz, senhor, por pertencer a uma religião que vosso coração e consciencia permitem pôr em practica.»

Tem-se organizado classes para o estudo da Biblia em cada casa de culto, e muitos se unem á igreja depois de ter frequentado por algum tempo estas classes.

Olha tambem, querido leitor, as agitações que surgem em todas as direcções, pelas quaes milhares estão actualmente deixando a igreja romana e pedindo entrada nas igrejas protestantes.

Em *Saint Just* (departamento de l'Oise) o numero de catholicos romanos que assistem ás conferencias protestantes na velha igreja catholica é de 600 a 700 pessoas. Ahi fazem tambem contribuições para erigir uma capella; um cavalheiro do mesmo logar deu 100 francos para o mesmo fim.

A Societé Centrale fundará ahi uma igreja, se fôr do agrado de Deus fornecer-nos os meios.

Em *Saint Gemme*, uma sociedade menor, cerca de 70 pessoas, estão attentamente procurando conhecer a verdade, que se annuncia em uma granja apropriada para esse fim.

Na Bretanha um novo campo se nos apresenta e desejamos tomar conta d'elle.

Em Bersillies, perto de Maubrige, houve uma agitação a respeito da qual o *Nacional*, jornal livre de Paris, assim se exprime:

Ultimamente chegou um grande numero de homens, mulheres e crianças á igreja de Maubrige.

Era uma commissão mandada do districto de Bersellies, e dirigida pelo burgo mestre ao snr. Palain, o nosso pastor protestante, que lhes fosse prégár o Evangelho.

O ministro recebeu-os com muita cordialidade, e prometteu ir no proximo domingo.

Foi.

O culto teve logar na sala da camara municipal, mas esperamos occupar a igreja que se acha abandonada.

Temos noticia de agitações eguaes em nossas repartições, e novas ainda se apresentarão, se attendermos aos precedentes.

Nossa sociedade que tem estabelecido o culto protestante em varias estações thermaes da França, ainda recebe pedidos para fazer o mesmo onde é desconhecido.

Pedem-nos para abrir novas escolas protestantes; o governo que proporciona um caracter leigo e livre á nossa educação nacional, tornará necessario as instituições protestantes em muitos logares. Isto é um grande golpe á influencia dos romanos, que é assim banida de todas as escolas do governo.

Pedem-nos para fundar uma nova escola preparatoria de geologia no sul de França, tomando por modelo aquella já bem succedida que temos em Paris.

Entre os moços ha muitos candidatos ao ministerio, mas muitos que moram no sul não podem estudar, porquanto Paris é distante e fica-lhes muito dispendioso; podemos remover esta difficuldade, estabelecendo uma *escola theologica* em Eournon (Audeche); mas para tanto é preciso um grande capital.

Em resumo, fallando-se por meio de algarismos, são precisos 2.000 francos mais do que a receita do anno passado para custear esta despesa.

O ROMANISMO E O ATHEISMO

São dignas de attenção as seguintes considerações, que foram apresentadas no mez passado aos estudantes do instituto theologico do Keadeigly, (Leeds) pelo rev.^o Benjamin Hellier, antigo lente e agora reitor. Referem-se principalmente á Inglaterra:

«É evidente a todo o observador serio que existem nos nossos dias duas poderosas correntes de opinião, tendentes a direcções oppostas. Uma d'ellas dirige-se a Roma, a outra ao atheismo. Examinemol-as, e perguntemos como nos devemos portar em presença d'ellas.

A corrente que tende a Roma tem exercido uma influencia notavelmente diminuta na nossa commu-nhão durante estes ultimos quarenta annos.

Durante este periodo tenho estudado com vivo interesse todos os movimentos do mundo religioso, e não me lembro d'um unico caso d'um ministro methodista que tenha passado do methodismo para Roma; e todos os membros da nossa igreja que me consta terem assim feito, podia eu contal-os nos meus dedos sem usal-os todos. Comtudo, a tendencia romana entre outros tem sido muito forte. No ultimo numero da *Edinburgh Revien* diz-se já que foi em 1861, que o movimento dos *tractarianos* do Efford tinha levado á igreja romana mais de duzentos clerigos da igreja anglicana, e alguns milhares de leigos. Devia ser um movimento poderoso que podia arrastar da igreja que tanto amaram homens como os cardeaes Neman e Manning.

Não podemos deixar de perguntar—Qual é o poderoso attractivo que arrasta os homens a Roma? A resposta parece ser: *O desejo de escaparem da duvida e das difficuldades com relação á crença religiosa.*

É essa uma maneira de propôr o caso. Ha ainda outra, e creio que é perfeitamente justa, e é: *O desejo de fugir ao grande dever de decidir todas as questões importantes da vida sob a convicção da responsabilidade individual perante o proprio Deus.*

A minha propria experiencia faz-me comprehender como desejam isso. Creio que todos temos alguma coisa em nós que pende para o romanismo. Não temos sentido, quando tentamos a resolver impertantissimas questões sob a nossa propria responsabilidade, que desejaríamos livrar-nos d'esse dever se podessemos?

Trata-se por exemplo de escolher uma carreira. Havemos de ser advogados, medicos, negociantes, soldados, ou outra coisa differente?

Ou a duvida é sobre o matrimonio—se havemos de casar, ou não; e casando, se ha de ser com esta pessoa, ou aquella?

É essa uma das questões mais solemnes que n'esta vida têm de ser resolvidas.

Ora n'estes casos, é muito provavel que a maioria de nós gostaria que outra pessoa desse a decisão, mas com a condição de que essa pessoa fosse infalivel.

Mas a nossa reflexão sensata nos ensina que esse desejo nasce da nossa fraqueza e não da nossa força. Ao passo que para alguns espiritos não ha coisa mais aborrecida do que o proceder sobre a responsabilidade propria, não ha coisa mais proveitosa, não ha nada mais essencial á nossa educação para os deveres mais importantes d'esta vida, e para a vida futura.

Aceitar a responsabilidade, executar as nossas resoluções, tomadas no nosso melhor juizo e no temor de Deus, robustece e aperfeiçoa o caracter; fugir á responsabilidade enfraquece e avilta. Quanto mais sérias as questões a decidir, tanto mais subido o valor disciplinario do processo da decisão propria, e tanto mais o prejuizo d'aquelle que se esquivava a elle.

Applicae este principio ao assumpto importantissimo da religião. Se é dever nosso reconhecer a nossa responsabilidade directa para com Deus, e obrar na conformidade d'elle, o desprezo d'esse dever é um grande peccado, e como todos os peccados, traz por consequencia o seu castigo correspondente.

O castigo é em primeiro logar a degradação intellectual. Quando o espirito do homem se occupa constantemente das maiores questões, d'aquellas que dizem respeito a Deus, ao dever, á vida eterna, torna-se capaz de lidar com bom exito com aquelles problemas difficeis que são inferiores unicamente aos as-

sumptos religiosos. É a historia dos ultimos 300 annos demonstra que os maiores desenvolvimentos da sciencia, da litteratura, das invenções uteis, dos meios para o melhoramento de condição social do homem, são devidos a espiritos educados na fé protestante. Os maiores progressos na sciencia pura e applicada, na medicina, na cirurgia, na chimica, nas artes mechanicas, nos caminhos de ferro e no telegrapho, são devidos principalmente ás nações protestantes. O mesmo factó se comprova pela historia das nações. Ha pouco mais de trezentos annos que a Hespanha era a principal nação europea, e a Inglaterra era apenas um reino pequeno.

Agora, graças ao ensino da religião protestante, a Inglaterra tem chegado a ser um grande imperio, e no nosso tempo já temos visto a corôa de Hespanha a mendigar um rei sem que ninguem a aceitasse.

A negação do grande dever da responsabilidade immediata tende necessariamente á degeneração moral.

É este o testemunho da historia.

Da corrupção da fé resulta a corrupção dos costumes, e estou persuadido de que na proporção que o romanismo na Inglaterra substitue uma fé mais pura, o caracter moral do povo diminuirá.

A falta inherente do romanismo é que tende a produzir uma religião divorciada da moral.

Lembro-me d'uma vez que abri um livro que achei no balcão d'um livreiro em Dublin, intitulado «As Glorias de Maria», e muito recommendado aos fieis da igreja romana pelo Cardeal Viseman.

N'este livro li o seguinte: «Havia um bandido na Italia que tinha commettido muitos crimes enormes. Tinha sido ladrão e assassino, matando muitos dos seus semelhantes. Afinal foi capturado, julgado, e decapitado. Atiraram com a cabeça para um barranco. Passando, porém, um padre por esse sitio ouviu um ruido notavel que sahia do barranco.

Tomando conhecimento do caso, veio a saber que a cabeça ainda fallava, e desejava anciosamente fazer uma confissão. O padre ouviu a confissão, lançou a absolvição, e a cabeça ficou no silencio da morte.»

E porque, pergunta o author, foi esta graça extraordinariamente concedida a este monstro de iniquidade?

Porque no meio de todo o seu peccado tinha uma virtude notavel, e era, que nunca deixava passar um dia que não dissesse uma «Ave Maria»!

Nada digo sobre a absurda extravagancia d'esta historia, mas qual é o effeito moral de semelhante ensino? Inevitavelmente leva os homens a pensarem que os maiores crimes são compensados pela observancia de formas e cerimoniaes mesmo quando o peccador não manifesta o minimo desejo de abandonar o seu máo caminho.

Lêde a «Historia dos Huguenotes», pelo Dr. Smiles. Que encontramos ahi? Vêmos que todo o poder militar da França foi empregado em perseguir e matar os melhores homens do paiz, e que esses actos sanguinolentos foram muito applaudidos pela côrte romana. E em quanto succedia tudo isto, os proprios directores d'essas terriveis perseguições na côrte da França viviam na mais asquerosa devassidão.

Oppômo-nos ao romanismo porque corrompe a verdadeira concepção da santidade biblica, representando-a como alguma coisa ligada exclusivamente aos logares e tempos chamados santos, e composta pela maior parte de observancias rituaes, em vez de ser

um poder activo que domine toda a hora da vida, que nos acompanhe por onde quer que vamos, que toca, abençôa, embelleza e sanctifica tudo aquillo que fazemos.

Por mais que desejassemos seguir o caminho de Roma, restar-nos-hia uma fatal objecção. Querem que aceitemos um guia infallivel, mas nós perguntamos naturalmente.—Como podemos saber que elle é infallivel? Nunca encontrei resposta a esta pergunta que me parecesse no minimo grau satisfactoria.

Ha alguns annos li a *Apologia pro sua vita*, do Cardeal Newman. Dediquei-me ao exame do livro com bastante interesse. Disse para mim mesmo: Aqui está um homem notavel que passou para Roma. Se poder descobrir os motivos que determinaram a sua escolha, poderei julgar da força da causa que adoptou.

Conforme lia observei que a historia da experiencia de Newman na transição para Roma era a historia d'um intellecto na verdade penetrante, porém movido constantemente por impulsos que procediam das pessoas com quem se encontrava. Não posso seguir agora todos os passos do processo, mas dar-vos-hei o grande argumento convincente que o decidiu de vez e para sempre, como devemos suppôr.

Aquillo que pôz fim a todas as suas duvidas era um dito do grande S. Agostinho, que resava assim: «*Totus orbis securus judicat*» (todo o mundo julga seguramente). Newman acha conveniente apresentar o seu raciocinio d'uma fôrma resumida, e é:

Todo o mundo julga seguramente, logo tenho mais segurança entrando na igreja romana.

Vamos, porém, ampliar um pouco este argumento. Dando-lhe a sua fôrma completa, expressa-se assim:

Todo o mundo julga seguramente.

A Igreja Romana é o mundo todo.

Logo a Igreja Romana julga seguramente.

A fôrma do argumento é correctá, mas que vos parece das premissas?

A primeira premissa suppõe ser factó o que nunca foi factó.

O mundo inteiro, desde os dias de Christo, nunca pronunciou nenhum juizo sobre a religião.

Supponhamos mesmo que se diga que a maioria dos homens pôde representar o mundo todo. Se isto concedessemos, e o argumento fosse levado á sua consequencia legitima, todos deveriamos ser *buddhistas*, pois o buddhismo tem indubitavelmente de todas as religiões o maior numero de sequazes.

(*Continua.*)

HISTORIA

DO

SR. FELICIANO ESPERANÇA DA GLORIA

XI

O NEGOCIANTE VOLTA PARA O RIO DE JANEIRO

Às 7 horas estavam todos promptos e passaram a cavallo por meio de Jerusalem, cercados pelos soldados, afim de sairem pela porta de Damasco.

Perto da porta, em um lugar em que o caminho tem dos dous lados montes de ruínas, ouviram de repente um grito, que foi immediatamente acompanhado por um chuveiro de pedras, que partiram de todos os lados. Parecia serem dirigidas contra Neandro, em quem acertaram algumas que muito o magoaram. Esperança foi também ferido no rosto, perdendo dous dentes, cahiu do cavallo.

Os soldados deram dous ou tres tiros, mas os judeus tinham-se escondido entre as ruínas, e, emquanto alguns os procuravam, Schiller metteu as esporas no cavallo, e, gritando: «Tala haun, Tala haun,» dirigiu-se a galope para a porta; Neandro e Esperança o acompanharam, e d'ahi a poucos minutos estavam fóra das muralhas e do perigo.

Então disse Schiller a Neandro:

—Perguntastes esta manhã quem temeria o furor dos homens ou dos demonios crendo em Jesus: o que dizeis agora?

—O mesmo que disse, respondeu Neandro. Está-me a doer muito a canella d'esta perna e custa-me a sustentar a redea n'esta mão, mas muito me glorio em soffrer pelo nome de Jesus. As dôres do corpo não podem tirar a paz, a alegria, a esperança e o amor que tenho a Jesus.

—E eu, disse Esperança, cuspiendo o sangue que lhe corria, dou graças a Deus por me ter deixado sahir de Jerusalem tantas mil vezes mais feliz do que quando n'ella entrei.

Os soldados deixaram juntos Bethel, Nazareth, Tiberiades, Tyro e Sidonia, e chegaram a Beyroot dous dias antes da sahida da escuna. Quando Esperança embarcou Schiller foi para Trieste. Muito sentiram esta separação e promettêram escrever uns aos outros amiudadas vezes.

Esperança teve uma magnifica viagem para Marselha: ahi encontrou um navio prompto a sahir para o Brazil, no qual embarcou, e chegou ao Rio de Janeiro tres mezes e meio depois de sua partida de Beyroot e vinte e dous de sua sahida do Rio de Janeiro.

O negocio ia sem novidade, o irmão confiava mais em si e as ameaças da crise monetaria tinham cessado.

Esperança alugou uma boa casa em Andarahy, mobilou-a a seu gosto e viveu descansado, sendo amado pelos pobres, porque estimava e procurava fazer bem a todos.

XII.—JOÃO GONÇALVES E SUA CHOUpanA.

Pouco antes do Sr. Esperança partir para a Europa, João Gonçalves, moço de 18 annos, começára a aprender a ler obrigado por seu pae, de sorte que já lia alguma cousa quando aquelle voltou.

Seu pae era lavrador, e a casinha em que moravam era meia legua distante da que o Sr. Esperança alugára. A familia compunha-se de seis pessoas; João, seu pae e sua mãe, duas irmãs, a mais velha das quaes, que se chamava Maria, era uma lindissima rapariga, e um irmão pequeno que ainda não tinha oito annos.

A casa era coberta de telha, no meio de um bocado de terra que o pae havia arrendado para cultivar, donde tirava verdura para a familia e também alguma para vender.

Junto á casa havia algumas aboboreiras, que por uma latada subiam ao telhado d'ella. As aboboras eram as maiores que por alli haviam, e em cima do

canto em que estava a cama de João nasceu a maior. O peso d'ella, ou talvez mesmo de João quando subia para vê-la, fez quebrar-se uma telha e em uma noite de grande temporal cahiu muita chuva na cama do pobre João, que, não havendo sol para enxugar, dormiu alguns dias sobre ella.

Sobreveio-lhe uma dôr no peito, com tosse secca, mas sem febre; e não parecendo estar gravemente enfermo não consultou nenhum medico.

No fim de tres mezes, porém, aquelle que tinha sido a alegria da casa andava sempre triste, estava magro e fraco, transpirava muito á noite e haviam alguns raios de sangue nos seus escarros. Então principiaram a temer que estivesse ptytico; e depois de experimentar alguns remedios, os tuberculos pulmonares se fizeram tão evidentes que já não era possível duvidar mais da molestia. Seu rosto conservava-se pallido sempre que a febre, que agora lhe sobrevinha todas as tardes, não lhe fazia apparecer no rosto uma rosa que manifestava o progresso da molestia mortal. Seus pés estavam muito inchados e suas forças esgotadas, de maneira que já lhe custava muito a andar.

Costumava deitar-se em uma esteira debaixo de um caramanchão, e sua bella irmã se assentava perto delle com a costura, desejando achar alguma cousa que o podesse alegrar ou ao menos alliviar. Em geral, porém, estavam ambos muito tristes porque sabiam que a morte se approximava apressadamente d'elle, ainda tão moço.

João tivera por seis annos um companheiro em seus divertimentos. Este chamava-se Pedro Alves, e, posto que fosse pobre e ignorante, tinha muita amizade a João e á sua irmã; quasi todos os dias lhes levava alguma cousa, pois a sua casa era muito perto e os dous rapazes tinham vivido sempre como irmãos.

Na tarde de um sabbado Pedro levou-lhe um bonito livrinho com capa azul, que lhe fóra dado por um senhor (o negociante) a quem encontrara na rua.

—Olha, João, disse elle, que lindo livrinho! O senhor que n'ó deu disse que eu havia de gostar muito d'elle porque contém bellas historias.

João pegou no livro, abriu-o e leu o titulo, que era o seguinte: *Contos para as choupanas*.

Emquanto o folheava, Pedro tirou da algibeira duas laranjas, deu uma a Maria, que a guardou para João quando tivesse sêde á noite, partiu a outra em duas partes, offereceu a maior a João e ficou com a menor; depois começaram a ler.

As historias tinham por fim mostrar que a boa moral é proveitosa em todas as circumstancias, e que as mentiras, enganos e maldades sempre teem castigos, mesmo n'este mundo, porque Deus ama o bem e aborrece o mal. A historia mais extensa era a de uma rapariga chamada Maria da Silva, que mentia tanto que ninguem podia confiar n'ella, tendo uma vida miseravel e morrendo desgracada em um hospital.

XIII.—O NEGOCIANTE VAI VISITAR JOÃO GONÇALVES.

Na segunda-feira Pedro Alves, tendo encontrado o Sr. Esperança na rua foi fallar-lhe e disse que tinha lido o livrinho que lhe déra no sabbado.

—E gostou d'elle? perguntou Esperança.

—Não sei senhor: li-o com João Gonçalves e quando acabámos a historia de Maria da Silva, eu

disse: «Vê quanto Deus aborrece a mentira.» Respondeu-me: «Eu também tenho mentido muito, e talvez seja por isso que o Senhor me mandou esta molestia.»

—Mas quem é João Gonçalves? perguntou Esperança.

—E' um vizinho meu, que muito me estima e que está doente: dizem que está ptytico e que morrerá.

—Elle sabe que está n'esse estado?

Sim; e chora muito, e Maria também, e depois de lerem a historia de Maria da Silva ainda mais choraram porque diz João:—«Se Deus continuar a estar agastado comigo, depois da morte talvez eu tenha de penar mais lá do que aqui.» Tem muito medo de morrer, pois pensa que talvez Deus o lance no inferno, e quando n'isso falla, chora, estremece e geme: está tão magro e tão doente que faz pena vê-lo.

Emquanto fallava, o labio tremia-lhe e levando a mão aos olhos enxugou uma lagrima.

O Sr. Esperança havendo perguntado se João tinha sido mau rapaz, respondeu-lhe Pedro:

—Não senhor, tem sempre sido muito bom rapaz; nunca soube que elle furtasse cousa alguma; não pragueja, é muito amigo de seus paes e irmãos e de todos os seus vizinhos; todos fallam bem d'elle.

—Então porque tem elle medo?

—Diz que nós não sabemos o que elle é, mas que Deus o sabe; que se vai lembrando a todas as horas das mentiras que tem dito e de cousas feias que tem feito; que, se Deus é tão inimigo de mentiras e as castiga assim, não ha de ficar bem no dia de juizo. Tudo isto faz com que elle não possa dormir nem estar socegado.

(Continua.)

NOTICIARIO

Processo de um padre

Lê-se na Imprensa Evangelica:

Foi instaurado processo de responsabilidade contra o vigario da freguezia de Ipojuca, Francisco José de Figueiredo, segundo informaram ao *Diario de Pernambuco*.

Esse sacerdote, como administrador da capella de S. Miguel, apropriou-se da quantia de 40:020\$240, saldo do rendimento do patrimonio da mesma capella, desde o anno de 1868, quando lhe fôram tomadas as ultimas contas.

Siberia

Por carta particular recebida do Rev. H. Landsdel, consta que este snr. fez em 1879 uma viagem atravez da Siberia, levando consigo uma grande porção de Biblias, Novos Testamentos e folhetos evangelicos. Em toda a parte foi bem recebido pelas autoridades e pelos padres da religião grega, os quaes se mostravam sempre anciosos por obterem exemplares d'estes livros afim de os distribuirem entre os presos, alumnos, etc.

Que contraste entre este acolhimento da palavra divina e a opposição feroz do clero romano!

Moral dos padres

Um correspondente particular envia-nos dois casos interessantes, como exemplo dado ao povo pelos padres da igreja romana. Supprimindo os nomes das pessoas, basta relatarmos os factos.

Um padre foi á freguezia de Macieira de Cambra, confessar os fieis d'esta; julgamos que n'esta ultima quaresma. Apresentou-se no confissionario uma filha d'um individuo da visinhança, e perguntou-lhe o padre se tinha bulla. Respondeu-lhe ella que não. Perguntou-lhe então se o pae d'ella a tinha. Disse que também não.

O director espiritual passou em seguida a dar uma lição de moral a esta ovelha, indicando-lhe o meio de conseguir a bulla, esse meio indispensavel de entrar no céo—pela porta romana. A bulla está acima de tudo. Póde-se mentir, roubar, tudo é licito, menos estar sem bulla. Era natural pois, que o padre dissesse á rapariga «que tirasse ao pae milho, feijão, ou adubo, e com o producto comprasse a bulla!» a rapariga, porém, não tendo chegado a tal grau de fé *implicita* que cumprisse á letra os *preceitos da igreja*, contou o caso ao pae, o qual disse naturalmente que pensava que sua filha tinha ido confessar-se, mas pelos modos tinha ido aprender a roubar!

Agora o segundo caso. O abbade d'uma freguezia do concelho de Arouca, vendeu um carro de milho, e como este estivesse muito sêcco, recommendou ao comprador que deitasse um cantaro d'agua em cada sacco. Este respondeu que isso seria peccado. O abbade, porém, experimentado na casuistica, declarou que não seria peccado, visto vender-se o milho de dia na praça publica!

Na verdade, estes prestidigitadores religiosos sabem talhar a virtude de tal modo que mesmo quando se approxima tanto do crime que a gente rude não lhe conhece distincção, ficam elles com a consciencia tranquilla, entendendo até que merecem o louvor de Deus pela sua espezteza.

Quem póde esperar a moral no povo, quando os seus instructores o ensinam assim?

O Papa e a Allemanha

A *Gazeta de Cologna* diz que o Papa tem declarado que não approva as emendas que são propostas ás *leis de maio*, e retira as concessões feitas no seu *Breve* dirigido ao Arcebispo de Melcherer.

Os Boatos

Ultimamente virou-se um tremó em que ia a princeza Luiza, esposa do vice-rei do Canadá. Uma folha que narrou o caso, disse que a princeza perdera uma joia do valor de 2:009 dolares.

Uma folha dos Estados Unidos reproduziu a noticia, accrescentando uma cifra áquella quantia. Correu ainda a noticia, e mal tinha atravessado as Cordilheiras, quando o valor da joia attingia a mais uma cifra. Finalmente, publicada em S. Francisco, na California, orçava a perca da joia da princeza em 2:000\$000 de dolares!

Felizmente, o caso é só para lêr-se e a gente rir. Mas quantos ha em que accusações graves passam de bocca em bocca, não perdendo com a transmissão, que originaram n'alguma palavra não pensada, n'alguma expressão mal entendida, ou n'alguma circumstancia inteiramente innocente.

Se todos tratassem de *diminuir* em vez de *augmentar*, o que é desfavoravel ao proximo, não succederia assim.

Japão

Um missionario russo residente no Japão, falla do grande numero de missionarios europeus e americanos, de todas as crenças reunidos actualmente n'aquelle paiz.

Diz que os resultados da obra são relativamente diminutivos, á excepção da dos episcopaes americanos.

Estes gosam a amisade d'uma parte da aristocracia japoneza, entre a qual teem algumas conversas, como tambem entre as classes baixas. Como é de esperar, pensa que a missão russa ha de dar bom resultado.

Não teme a influencia romana, e diz: «Os japonezes não se inclinam ao romanismo. Recentemente, uma turba quebrou as vidraças d'um padre romano por este se intrrometer demasiadamente na vida domestica dos japonezes. No Japão o romanismo não tem futuro.

Almas do purgatorio

Diz o *Nonconformist* que morreu ultimamente na Australia um catholico Romano, legando á sua igreja a quantia de 6:300,000 para livrar a sua alma do purgatorio.

O testamenteiro, porém, recusa pagar o dinheiro em quanto lhe não derem as provas certas de que o finado está realmente livre.

Nada mais justo. Paga-se a fazenda no acto de a receber, e não em antes. E a igreja que tanta se ufana de ter communicações com o ceo, por carta e por telegramma, não deve achar inconveniente em dizer se a alma d'um fiel já ali chegou. Ou se o ceo fica um pouco longe para isso, o purgatorio, que está a meio do caminho, offerece maiores facilidades para a transmissão das correspondencias. Ora como o purgatorio é a especialidade da igreja romana, é de suppôr que não lhe custará nada obter um *attestado de livramento*, tirado do respectivo registo, e devidamente assignado e reconhecido. Sete mil dollares não são para despresar, e é de esperar que os padres na Australia façam o possivel por conseguir o tal attestado!

OFFICIOS DIVINOS

PORTO—Largo do Coronel Pacheco—Todos os domingos ás 10 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quintas-feiras ás 7 horas da noite. Aula biblica nos domingos ás 9 horas da manhã.

VILLA NOVA DE GAYA—Logar do Torne, ao pé do tunel—Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as terças-feiras ao anoitecer.

LISBOA—Egreja presbyteriana, rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart.—Todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, ás 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

No mesmo edificio, Egreja Presbyteriana Portugueza, o Rev.º Manoel Antonio de Menezes.—Culto e pregação do Evangelho todos os domingos ás 9 1/2 horas da manhã e 4 da tarde e todas as quintas-feiras ás 7 horas da noite.

Aula biblica todos os domingos ás 3 horas da tarde. Oração todos os sabbados ás 7 horas da noite. Eschola dominical todos os domingos ás 10 horas da manhã.

Na calçada do Cascão, 5, 2.º, todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras ás 7 da tarde. Aula biblica todos os domingos ás 10 da manhã.

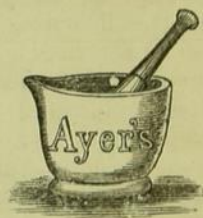
Egreja Evangelica, rua da Conceição á Praça das Flores. Todos os domingos ás 11 1/2 horas da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quintas-feiras á mesma hora.

Eschola dominical ás 10 horas da manhã.

Egreja Evangelica Episcopal Portugueza, rua de S. Marçal. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 3 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras ás 7 1/2 da tarde.

ANNUNCIOS

PILULAS CATHARTICAS



DO DR. AYER

Para a prompta cura de prisão de ventre, hydropeisia, reumatismo, dôr de cabeça que provém do mau estado do estomago, nausea, indigestão e toda a doença dos intestinos, perda de appetite, tudo o que necessita de um remedio purgante.

Vendem-se nas PRINCIPAES farmacias e drogarias.

OBSERVAÇÕES Á PASTORAL DO EX.º BISPO DO PORTO

Vendem-se nas igrejas evangelicas do largo do Coronel Pacheco, Villa Nova de Gaya e na relojoaria Almeida, rua das Flores, 33.

Preço 50 reis

REFORMA

(FOLHA QUINZENAL)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

LARGO DO CORONEL FACHECO

CAPELLA EVANGELICA

PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta-feira de cada mez.

Custo d'assignatura—(paga adiantada) Anno 240, semestre 120 reis: para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se collecções completas da «Reforma» do 1.º e 2.º anno: para a cidade custa uma 240 reis, e para as provincias 250.

São agentes da REFORMA em Lisboa os Ill.^{mos} snrs. Manoel dos Santos Carvalho, calçada do Cascão, 5, 2.º.—José Gregorio Bandouin—rua do Sacramento á Pampulha, 42 2.º.—Alexandre José Alves, rua de S. Bernardo, 23, loja de mercearia.

Depositos onde se acham á venda as Sagradas Escripturas

LISBOA—Janellas Verdes N.º 28.

PORTO—Egreja Evangelica, Largo do Coronel Pacheco.

MADEIRA—Rua da Queimada de Cima, 50.

N'estes depositos encontram-se as Sagradas Escripturas em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originaes, Grega e Hebraica.

Biblias, traducção de Figueiredo—500 reis.

Idem, traducção de Almeida—500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo—100 reis.

Idem, traducção de Almeida—100 reis.

Psalms, traducção de Almeida—50 reis.

Evangelhos, traducção de Almeida—20 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros com ricas encadernações, que se vendem por diversos preços.

RESPOSTA A' PASTORAL

DO EXC.^{mo}

BISPO DO PORTO

SOBRE O PROTESTANTISMO

PELO

PADRE GUILHERME DIAS

Á venda nas igrejas evangelicas do Porto e Villa Nova de Gaya.—Rua das Flores, 33; Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 10; e nas principaes livrarias d'esta cidade, Lisboa, Braga e Guimarães.

Preço 200 reis

DEPOSITOS DE TRATADOS E LIVROS

DEPOSITO, JANELLAS VERDES N.º 4

OBRAS PUBLICADAS

Lucilia ou a inspiração das escripturas, 324 pag.—100 reis.

Preservativo contra Roma, 128 pag.—50 reis.

A Joven Aldeana, 48 pag.—40 reis.

Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag.—20 reis.

Não se deve mudar de religião, 16 pag.—10 reis.

Erric, o criado russo, 16 pag.—10 reis.

O amigo da casa, 32 pag.—20 reis.

O amigo dos peccadores, 48 pag.—40 reis.

O livro dos livros, 56 pag.—40 reis.

Um homem que matava os seus visinhos, 23 pag.—30 reis.

Uma antigualha, 16 pag.—20 reis.

André Dunn, 77 pag.—40 reis.

Hymnos portuguezes, (1 vol. encadernado), 215 pag.—40 e 50 reis.

Devocionarios, 30 pag.—20 reis.

Evidencias do Christianismo, 76 pag.—50 reis.

Como devemos entender a Biblia Sagrada, 15 pag.—10 reis.

O menino da matta, 32 pag.—30 reis.

Jessica, 43 pag.—40 reis.

O Padre Jacintho, 16 pag.—10 reis.

A doutrina da Egreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag.—50 reis.

Biographia de Martin Boos, 188 pag.—80 reis.

Sou christão? como o posso saber? 92 pag.—60 reis.

O que é um sacramento? 44 pag.—30 reis.

O culto domestico, 48 pag.—20 reis.

Um homem que abalou o mundo, 80 pag.—15 reis.

Luz do Céu, 126 pag.—60 reis.

O que crêem os protestantes, 24 pag.—15 reis.

Como lêes tu? 40 pag.—30 reis.

O culto publico.—O domingo, 20 pag.—20 reis.

O vigário de Christo.—O Calvario, 22 pag.—20 reis.

A Chamada.—A folhã ensanguentada, 24 pag.—20 reis.

Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag.—20 reis.

Um livro maravilhoso, 12 pag.—10 reis.

O amor de Deus, 8 pag.—10 reis.

Os dois Guilhermes, 29 pag.—20 reis.

Trinta livrinhos, cada um, 7 pag.—5 reis.

Caminho de Deus para a paz, 150 pag.—50 reis.

«O Amigo da Infancia», sae cada mez; por numero 10 reis, (com lindas gravuras) e em volumes encadernados dos dois ultimos annos a 300 reis cada um.

Um sortimento de livros em inglez, a varios preços.

Pacotes de cartões illuminados e com textos da Biblia, a varios preços.

Do valor de 100 reis para cima, expedem-se estas publicações franco de porte.

EDITOR RESPONSÁVEL—G. P. DIAS DA CUNHA

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66—Rua da Fabrica—66